

# Malan aposta no ajuste de outubro

**O**MINISTRO da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem que os novos desdobramentos da crise asiática mostram que o problema é muito mais amplo e profundo do que inicialmente pareceu e que ele não pode ser confundido como mero resultado do fim de um ciclo de crescimento ou de uma crise cambial nos moldes tradicionais.

"A crise deles estará conosco por mais algum tempo", afirmou, durante almoço com jornalistas. Mesmo assim, Malan não acredita que o Brasil possa sofrer um ataque especulativo na estreia das novas dificuldades enfrentadas pelas economias da Ásia. "O risco hoje de um novo ataque especulativo contra o real é bem menor do que no passado", disse.

**Novas medidas** - O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, que também participou do encontro, disse que o governo poderá adotar medidas adicionais para ajustar a economia se o desdobramento da crise internacional assim o exigir. "O governo continuará a propor medidas de ajuste, se elas forem necessárias", disse Parente.

"Não falta determinação a este governo para isso e não importa que elas sejam impopulares, pois faremos o que for necessário", acrescentou Parente. Malan ouviu e concordou com a cabeça. Parente não explicou que medidas poderiam ser essas. "O importante é que fique claro a disposição do Brasil de resolver os seus próprios problemas", explicou Malan.

**Prisioneiros** - Durante o almoço, Malan afirmou, por duas vezes, que "vivemos hoje num mundo mais perigoso do que há meses". O ministro se referia não apenas às imensas dificuldades que o mercado internacional terá para absorver os problemas asiáticos, mas também à simultaneidade dos acontecimentos financeiros, no mundo globalizado. "Somos prisioneiros do passado, do presente e, hoje, do futuro", filosofou. "Somos prisioneiros das decisões que os investidores tomam ao tentar se antecipar ao que vai acontecer no futuro".

O ministro da Fazenda chamou a atenção para o fato de que até mesmo um ataque especulativo ficou mais barato e mais fácil para o investidor temerário, por causa do desenvolvi-

mento tecnológico. A certeza de Malan de que o Brasil corre menos risco de um ataque especulativo está baseada, principalmente, em dois fatores: a rapidez da resposta do Brasil aos desafios colocados pela crise em outubro passado e a percepção dos investidores de que os problemas vividos pelas economias da Ásia são específicos e distintos daqueles apresentados pelos países da América Latina e, particularmente, o Brasil.

**Rapidez** - Na sua opinião, essa distinção está se tornando cada vez mais clara para os investidores, com o passar do tempo. A rapidez da resposta brasileira, de acordo com Malan, pode ser observada pelo mercado com a decisão do Banco Central de elevar as taxas de juros, com a presteza do

governo ao apresentar um conjunto de medidas destinadas a reduzir o déficit público, com a decisão do Congresso brasileiro de dividir responsabilidades com o Executivo na adoção das medidas, algumas impopulares, na direção do ajuste fiscal e na convocação extraordinária do Congresso para a aprovação das reformas da Previdência.

Durante o almoço, o ministro da Fazenda citou pelo menos dez vezes o nome do economista norte-americano Paul Krugmann e sua análise sobre os problemas dos países asiáticos. No artigo "O que aconteceu com a Ásia", publicado recentemente, Krugmann diz que a crise daqueles países não pode ser

qualificada como uma crise cambial nos moldes tradicionais. Ao contrário, afirma que as fortes desvalorizações das moedas daqueles países foram uma consequência da crise e não sua causa. Malan mostrou que sua análise da crise é semelhante à de Krugmann.

Depois de enumerar uma série de características que, na sua opinião, diferenciam os países da Ásia dos países

da América Latina ("nós já estamos concluindo o ajuste do nosso sistema financeiro, enquanto eles encontram dificuldades para iniciar o deles"), Malan apontou as "fontes estabilizadoras" da crise internacional. Em primeiro lugar, o ministro

lembrou que a economia dos Estados Unidos dá mostra de grande vitalidade. Depois, a própria economia da Europa não tem sido muito afetada pelos problemas asiáticos.

Por fim,

Malan acha que o Japão, com uma economia de US\$ 4,7 trilhões, vai encontrar uma solução para os seus problemas bancários. "Eles resistem a usar dinheiro público

para resolver essas dificuldades, mas vão ter que usar", afirmou.

Malan evitou ser específico sobre que comportamento que o Banco Central terá com relação às taxas de juros, depois do recrudescimento da crise asiática. "Só posso dizer que, no horizonte de meses, e não de semanas ou dias, a tendência das taxas de juros será declinante", afirmou.

"É claro que as atuais taxas não são sustentáveis no prazo de um ano ou dois anos", afirmou Malan. "Mas posso garantir a vocês que 98 será o sexto ano de crescimento consecutivo da economia brasileira", disse ele. "Anotem isso e me cobrem depois."

